

# Competitividade inibe a reação da indústria

## Cenários

2012



Arícia Martins

De São Paulo

Desde 2000, a indústria cresceu acima do Produto Interno Bruto (PIB) em apenas quatro anos. Nos demais, seu resultado foi inferior à média da economia brasileira. Em 2012, o setor poderá ensaiar uma recuperação e crescer na mesma toada esperada para o PIB, entre 3% e 3,5%. Essa possibilidade, contudo, anima pouco os economistas que acompanham o setor. A indústria brasileira, dizem, passa por uma crise mais profunda, e o pífio

resultado de 2011 — uma alta próxima a 0,5% no ano em relação a 2010 — não foi reflexo apenas das medidas adotadas para desaquecer a demanda interna.

Para a maioria dos analistas, a indústria, no máximo, vai acompanhar o PIB no próximo ano. Para o Banco Central, a ajuda dos segmentos de extrativa mineral e construção civil fará o setor como um todo crescer 3,7% em 2012, um pouco acima dos 3,5% projetados para o PIB.

Além do câmbio desfavorável, nos últimos anos o aumento dos salários afetou o custo do setor e, conseqüentemente, a competitividade das companhias. O economista Fabio Ramos, da Quest Investimentos, calcula que, descontando a inflação e a produtividade, o salário dos trabalhadores da indústria cresceu 10%

desde meados de 2008, enquanto a atividade nas fábricas ainda não conseguiu superar o nível pré-crise.

“Nosso diagnóstico é que a crise da indústria não é conjuntural”, avalia Júlio Gomes de Almeida, consultor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). A concorrência dos importados ficou mais pesada em 2011 e coloca em xeque o efeito das medidas recentemente tomadas pelo governo para estimular o setor, como a redução de impostos para itens de linha branca. Para David Kupfer, da UFRJ, os setores de bens de consumo continuarão sofrendo a concorrência de fora em 2012, mas há boas perspectivas para os setores vinculados ao investimento público, como construção civil. **Página A4**

# Indústria ajuda PIB em 2012, mas retomada pode ser temporária

**Cenários**

2012



Segmentos ligados ao consumo ainda devem sofrer com a concorrência dos produtos importados no próximo ano

**Arícia Martins**

De São Paulo

Após mais um ano perdido em 2011, economistas se dividem sobre a possibilidade de recuperação da indústria no próximo ano. O cenário de enfraquecimento da demanda global por produtos manufaturados será pano de fundo para um Produto Interno Bruto (PIB) que, mesmo com o im-

pulso do aumento do mínimo e de investimentos públicos, crescerá, na melhor das hipóteses 3,5% — meio ponto percentual a mais do que neste ano. Assim, mesmo para analistas que contam com uma retomada da produção industrial em 2012, esta não passa de um aumento igual ao esperado para o PIB. O Banco Central espera um pouco mais.

A indústria de transformação deve encerrar 2011 com crescimento entre zero e 1% na comparação com 2010 (com mais apostas próximas a 0,5%), enquanto o consumo das famílias deve evoluir entre 4% e 5% e o PIB, próximo a 3%. Esse fraco resultado da produção industrial não é exceção. Em cinco dos últimos sete anos, o ritmo de crescimento do setor foi de apenas um terço do ritmo de aumento da demanda das famílias. A exceção foi 2010, quando a indústria deu um salto de 10,5%, se recuperou do tombo do ano anterior e subiu mais que a demanda, e 2007, quando a diferença entre oferta interna e consumo foi pequena.

Para a maioria dos analistas, a indústria, no máximo, vai acompanhar o PIB no próximo ano. Para o Banco Central, a ajuda dos

segmentos de extrativa mineral e construção civil vão fazer o setor como um todo crescer 3,7% em 2012, um pouco acima dos 3,5% projetados para o PIB. Enquanto aqueles dois setores podem subir 5%, contudo, o setor de transformação vai, mais uma vez, ficar abaixo do PIB, com alta de 3% nas previsões da autoridade monetária. “Esse desempenho se explica, entre outros, pelos efeitos, que são defasados e cumulativos, de ações de política monetária implementadas no segundo semestre de 2011”, observou o BC no relatório de inflação de dezembro.

“Nosso diagnóstico é que a crise da indústria não é conjuntural”, avalia Júlio Gomes de Almeida, consultor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). A diferença é que, com o câmbio valorizado ao longo de 2011, a concorrência dos importados ficou mais pesada e coloca em xeque o efeito das medidas recentemente tomadas pelo governo para estimular o setor, como a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para itens de linha branca. “A dúvida sobre a capacidade de a indústria transformar o estímulo em crescimento

econômico é um fenômeno novo na economia brasileira. Se não houver nada de fornecimento nacional, o estímulo se perde.”

Para a economista-chefe da Rosenberg & Associados, Thaís Marzola Zara, os mesmos fatores que prejudicam a indústria desde sempre serão os inibidores de um crescimento maior do setor no ano que vem: juros altos, carga tributária elevada, falta de mão de obra qualificada e de infraestrutura. “Mesmo com a redução do juro, ele continuará sendo muito mais ele-

vado em termos de competição internacional”, diz Thaís, para quem as medidas tomadas recentemente pelo governo devem ajudar “muito pouco” a indústria.

O economista Fabio Ramos, da Quest Investimentos, destaca que, descontando a inflação e a produtividade, o salário dos trabalhadores da indústria cresceu 10% desde meados de 2008, enquanto a atividade nas fábricas ainda não conseguiu superar o nível pré-crise. “Isso é um sinal claro de pressão de custos na indústria. Os preços não são repassados automaticamente devido à concorrência dos importados, e a indústria passa a trabalhar com margens bastante apertadas.”

“2012 tem uma dinâmica econômica diferente da de 2011, que era de contração”, afirma a economista-chefe da Icap Corretora, Inês Filipa. Para ela, a indústria deve mostrar um ritmo melhor de crescimento em 2012, com um desempenho favorável da demanda após a queda da taxa de juros e a retomada de políticas fiscais por parte do governo. A expansão da indústria, no entanto, será moderada, diz ela. “A expectativa é de uma retomada vagarosa, que não prejudique a inflação.”

Segundo Gomes de Almeida, do Iedi, uma possível desvalorização do câmbio é o único fator que pode atenuar, no curto prazo, a falta de competitividade industrial. Os setores da indústria que podem ter desempenho melhor no próximo ano, de acordo com ele, são os menos atingidos pela concorrência dos importados, como alimentos e bebidas, construção civil — cuja parcela de importados no mercado está aumentando, mas não é tão expressiva — e linha branca, devido aos incentivos do governo.

Mesmo com um câmbio um pouco mais favorável para a indústria no ano que vem, nada indica que a penetração de importados na economia brasileira — atualmente em torno de 20% — vá diminuir, afirma David Kupfer, coordenador do grupo de indústria e competitividade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “Os setores de bens de consumo continuarão sofrendo a concorrência de fora.”

Ele aposta em um comportamento melhor do que a média no segmento de construção civil, que virá na esteira de uma retomada de investimentos em infraestrutura e construção residencial, mas pondera que, para o setor industrial

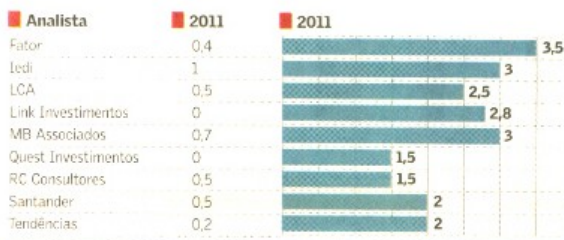
como um todo, o cenário para 2012 é incerto, principalmente em função do ambiente internacional. “Essa parada da indústria em 2011 sugeriu que ela já se preparou para um 2012 mais estreito em termos de perspectiva de demanda”, avalia o professor da UFRJ.

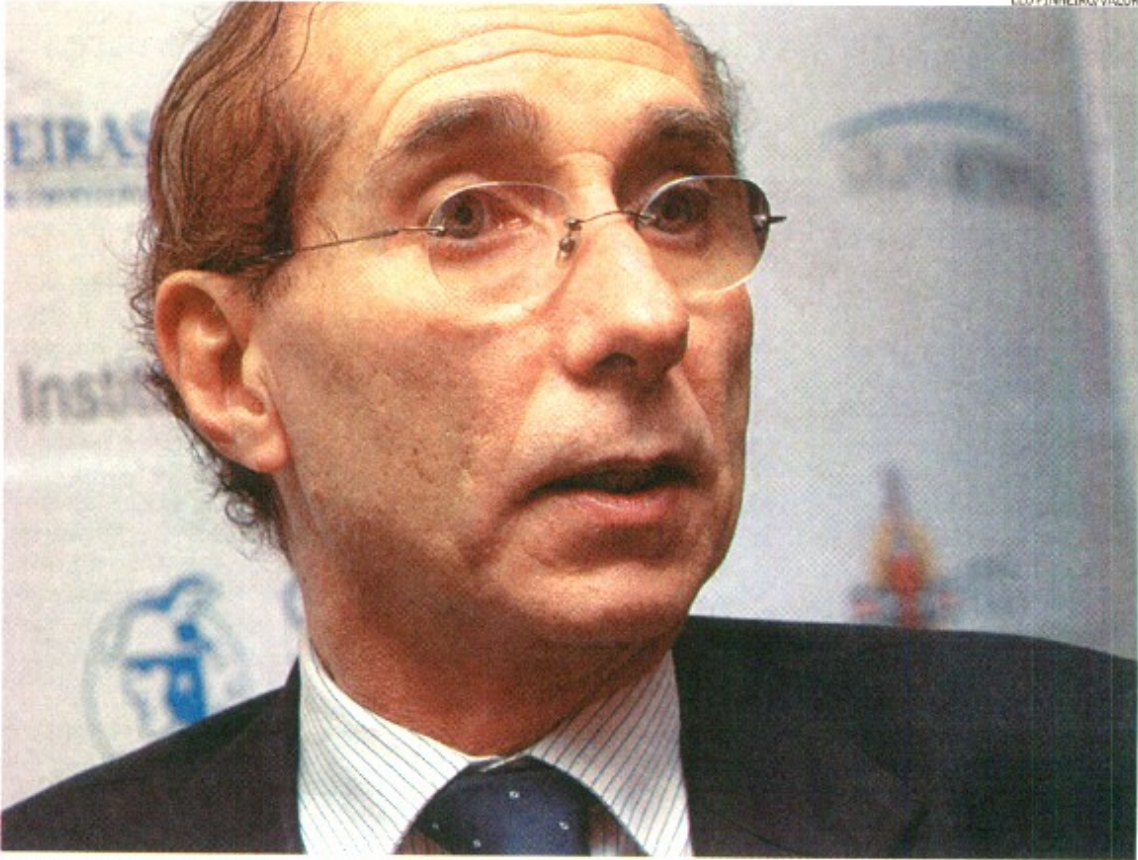
A economista Fernanda Consorte, do Santander, não descarta medidas para incentivar a produção de automóveis como as tomadas em 2009, quando o governo reduziu o IPI do setor. “Os veículos representam 10% da produção industrial e o governo tem um certo apreço por esse setor”, diz.

Esta não é a visão do economista-chefe da Banif Corretora, Mauro Schneider, para quem 2012 será outro ano complicado para a indústria. Com o aumento do mínimo e investimentos que não podem mais ser contingenciados no ano que vem, sustenta Schneider, é limitado o espaço para desonerações tributárias. “O governo já tem uma série de compromissos fiscais assumidos no próximo ano com um crescimento de arrecadação eventualmente um pouco menor. Não consigo trabalhar em um cenário em que o governo possa adotar políticas mais agressivas de redução de impostos”, opina.

## Recuperação morna

Previsões para aumento da produção em 2012 são modestas (%)





O economista Julio Sérgio Gomes de Almeida, do Iedi, acredita que a crise da indústria não é conjuntural